

# Manuel Sobrinho Simões

Médico e investigador



**■ As alterações climáticas parecem acentuar o desajuste crescente entre o ser humano e a Natureza. Estamos condenados a um antagonismo cada vez mais tenso ou acha que a ciência nos poderá conduzir no sentido oposto?**

**R** Penso que a ciência não virá a diminuir a pressão ambiental, na medida em que os maiores problemas postos pela transição do Holoceno para o Antropoceno dependem do lucro desenfreado e do crescimento exponencial dos seres humanos, cada vez mais numerosos, mais velhos e mais consumistas. Os desenvolvimentos tecnológicos poderão, *per se*, amortecer os efeitos nefastos sobre o clima, mas as soluções consistentes passarão necessariamente pela sociedade organizada em comunidades, reforçando a política e praticando o cuidar da casa comum (*to care*).

**■ Como vê a perspectiva do impacto das alterações climáticas na saúde pública em Portugal?**

**R** Já começámos a sentir há muitos anos o impacto das alterações climáticas na saúde pública em Portugal. Desde logo porque andamos há bastante tempo a lidar com variações extremas de temperatura e de pluviosidade/seca com uma população progressivamente mais idosa. Ainda por cima na ausência de medidas/comportamentos de prevenção no

contexto de grande fragilidade das equipas multidisciplinares e das estruturas vocacionadas para a saúde pública. (Apostamos há dezenas de anos no ‘hospitalocentrismo’.) Mais recentemente, passámos também a ter problemas frequentes com aquilo que designamos como ‘ecoansiedade’. Embora tais alterações não sejam geralmente doenças orgânicas — *diseases*, na terminologia anglo-saxónica —, a verdade é que a ecoansiedade determina mal-estar e sofrimento (*illness*) em termos de saúde pública. Afastando-me das generalidades da clássica saúde pública, penso que valerá a pena considerar situações potencialmente muito graves de natureza local/regional. Por exemplo, é fundamental enquadrar o aumento de doenças respiratórias e de outros sistemas (alergias, neoplasias...) na sequência de fogos florestais violentos e repetidos. Como também é fundamental prestar atenção à repercussão no domínio de doenças infecciosas condicionadas pela modificação do nosso ecossistema: estamos a testemunhar o aparecimento de outras doenças nesses ‘novos’ ambientes. Tanto o chamado mundo externo puro e duro (clima, por exemplo) como os mundos dos microbiotas — habitantes do tubo digestivo e outros aparelhos/sistemas — constituem nichos suscetíveis de mudar substancialmente os agentes infecciosos, diretamente ou através dos vetores intermediários.

**P.S.** — Quando respondi às questões acerca da repercussão das alterações climáticas no equilíbrio entre a Humanidade e a Natureza, por um lado, e no impacto sobre a saúde pública em Portugal, por outro, não me passava pela cabeça o que aí vinha.

**LUÍSA SCHMIDT**